Mesa-redonda

Paulo Carneiro, um brasileiro universal

Marcos Chor Maio (org.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MAIO, M. C. org. Mesa-redonda: Paulo Carneiro, um brasileiro universal. In: *Ciência, política e relações internacionais: ensaios sobre Paulo Carneiro* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Unesco, 2004, pp. 244-266. ISBN: 978-85-7541-509-2. Available from: doi: [10.7476/9788575415092.0011](https://doi.org/10.7476/9788575415092.0011). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/fczgd/epub/maio-9788575415092.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

mesa-redonda

Paulo Carneiro, um brasileiro universal¹

José Israel Vargas: Senhoras e senhores, senhora presidente do Conselho Executivo, embaixadora Sônia Mendieta de Badaroux, a quem gostaria de agradecer as palavras pronunciadas ontem na sessão que o Conselho Executivo tomou a iniciativa de organizar para rememorar a passagem de Paulo Carneiro por este organismo. Gostaria de agradecer também ao senhor Assad Sayad, que representa esta noite o diretor geral da Unesco. Esperando ainda a presença do embaixador do Brasil, senhor Marcos Azambuja, que veio do Brasil especialmente para esta sessão. É com prazer que anuncio a presença do senhor Mário Barbosata Carneiro, que representa a família de Paulo, e de um grupo de colaboradores e amigos próximos de Paulo ao longo de toda a sua vida dedicada à Unesco: senhora Viviane Morel, segundo membro da delegação brasileira em 1946; senhora Adriane Macedo, secretária de Paulo durante vários anos; senhor Rao, antigo funcionário da delegação indiana, filósofo, administrador e grande amigo de Paulo; nosso caro amigo, senhor Sayad, antigo presidente do Conselho Executivo da Unesco; além do venerável Sobita, grande amigo de Paulo.

Paulo Carneiro foi formado pela ciência, atividade que esteve de certo modo na origem de sua curiosidade e de seu desejo de conhecimento de alcance universal, capaz de englobar os diversos saberes à maneira de Comte, que ele adotou ao longo de toda a vida. Sua dedicação ao projeto da História do Desenvolvimento Cultural e Científico da Humanidade também pode ser considerada uma herança do positivismo de Comte. A idéia segundo a qual a ciência deve estar a serviço do homem sempre guiou sua ação na Unesco. Sirva de exemplo a

¹ Evento realizado na sede da Unesco em Paris, no dia 4 de outubro de 2001, em homenagem ao centenário de nascimento de Paulo Carneiro.

criação do Comitê de Convenções e Recomendações (CRE), pouco conhecido pelos não iniciados na Unesco, mas que cumpriu sempre um papel extremamente importante na proteção dos direitos do homem. Ele trabalhou junto com a senhora Indira Gandhi, membro do Conselho Executivo, com João XXIII e várias outras personalidades de todas as línguas, religiões e orientações políticas, sempre com a mesma tolerância, a mesma competência, a mesma dedicação total ao homem e suas relações com a natureza. Foi também um pioneiro: 16 anos antes da Conferência de Estocolmo, lançou o projeto de estudos da Amazônia, da Bacia Amazônica, com todos os países da região, e todos sabem que pagou muito caro por esta iniciativa, no momento em que o Brasil caiu sob um regime discricionário e violento.

A relação de Paulo Carneiro com a Unesco remonta a 1945, quando da assinatura do seu ato de constituição. Tal relação durou 37 anos, desde sua participação na delegação brasileira da Conferência de 1946 até seu falecimento, no início de 1982. Podemos dizer que sua vida se confunde com os projetos e as causas da Unesco, cuja grande missão deveria ser, segundo ele, a realização da paz entre os homens, fundada na solidariedade intelectual e moral da humanidade. Ele afirmava que o problema mais importante para a paz era encontrar uma unidade fundamental dos sentimentos, pensamentos e atos ou, noutros termos, uma certa homogeneidade na diversidade que resultasse numa opinião pública favorável a um esforço construtivo. Num mundo dividido por tantas doutrinas, é preciso, dizia ele, buscar a unidade por meio da aliança de todas elas num programa mínimo comum. É preciso, enfim, buscar um terreno de concórdia que, para ele, ganhava na Unesco sua expressão mais clara.

Em sua trajetória de 37 anos na Unesco, Paulo Carneiro permaneceu fiel à idéia do terreno de concórdia. Como é de conhecimento dos senhores, foi Paulo quem introduziu o aniversário de Buda como uma das grandes datas comemoradas pela Unesco, assim como introduziu, com João XXIII, a resolução sobre a tolerância, tão atual e importante nos dias de hoje. No Conselho Executivo, na Conferência Geral ou nos outros fóruns da Unesco, era ele quem resolvia as questões difíceis, os impasses, e era ele quem orientava as discussões finais rumo ao consenso. Esteve ligado aliás à criação do Drafting and Negotiation Group (DNG), instrumento indispensável para garantir tal consenso nas Conferências Gerais, que, por vezes, atravessavam dias e noites, sem cessar.

Grande orador, ele sabia defender suas convicções respeitando os diferentes pontos de vista, o que lhe granjeava a confiança de seus pares.

Antes de iniciarmos a mesa-redonda, assistiremos a um breve filme sobre a salvaguarda dos monumentos da Núbia, uma questão que suscitou a paixão de Paulo Carneiro. Ele presidiu o comitê que promoveu os trabalhos da Unesco para salvar esta herança extremamente importante da humanidade. No filme, ouvimos a voz de Paulo Carneiro, gravada por ocasião dos trabalhos de salvaguarda daqueles monumentos. Trata-se de um fragmento, uma lembrança de Paulo entre as centenas, talvez milhares de horas (gravadas desde 1968) de suas intervenções na Unesco sobre as mais variadas questões. Este acervo inclui também filmes que permanecem depositários de uma história importante da organização, que ainda está para ser feita.

[Projeção do filme]

Acabamos de receber do senhor Jean Clousel, secretário vitalício da Academia de Ciências Morais e Políticas (à qual pertencia Paulo Carneiro), uma mensagem na qual ele se desculpa por sua ausência e evoca 'o combate travado por Paulo Carneiro em favor da compreensão mútua entre os povos, do desenvolvimento e da cultura; o papel ativo que ele desempenhou na salvaguarda dos monumentos nubianos ameaçados pelas águas do Nilo, retidas pela barragem de Assuan. Preservar a beleza nascida do gênio humano para permitir que a civilização inteira progrida a cada dia e para impedir que esqueçamos os autores capazes de atingir o espírito – tal foi a tarefa assumida por Paulo Carneiro'.

Gostaria de agradecer mais uma vez a todos os que contribuíram para a realização deste evento, partilhando com a delegação brasileira o desejo de celebrar o centenário de Paulo Carneiro. Senhores embaixadores, senhoras e senhores, tenho a honra de apresentar os ilustres participantes desta mesa-redonda, que vieram partilhar conosco suas reflexões sobre Paulo Carneiro: à minha direita, o senhor Alain Touraine, sociólogo renomado, profundo conhecedor das questões brasileiras e do Brasil – onde esteve inúmeras vezes –, lecionou na Universidade de São Paulo e é sócio-correspondente da Academia Brasileira de Letras, que, aliás, organizou em novembro último um importante ciclo de quatro conferências comemorando o centenário de Paulo Carneiro; senhor Luiz Felipe de Alencastro, renomado professor de História do Brasil na Sorbonne; senhor Bruno Gentil, representante emérito da Maison

d'Auguste Comte; senhor Luiz Hildebrando Pereira da Silva, biólogo e pesquisador do Instituto de Medicina Tropical na Amazônia, do Instituto Pasteur e da Universidade de São Paulo; senhor Jean d'Ormesson, destacado escritor, jornalista, membro da Académie Française e grande amigo de Paulo Carneiro.

Com a palavra, Alain Touraine.

Alain Touraine: Senhoras e senhores, depois destas imagens, princípios e projetos que nortearam a vida de Paulo Carneiro, hesito um pouco em começar por uma anedota, mas os senhores verão que ela não é completamente estranha a algumas das principais preocupações de nosso amigo. Certa feita, atravessando o lago Titicaca, voltando da Bolívia ao Peru, conheci um jovem brasileiro de espírito literário e, ainda por cima, monarquista. Como lhe falei de diferentes problemas, ele me aconselhou a visitar Paulo Carneiro no Rio.

Naquele momento, como responsável pela Casa de Augusto Comte em Paris, Paulo Carneiro estava às voltas com um embaraço dos maiores, pois não queria alugar a casa, mesmo que por um bom preço, temendo que ela virasse uma lavanderia ou um café. Por outro lado, não podia assumir os encargos pesados desse imóvel antigo. Foi, então, que lhe sugeri uma solução que correspondia exatamente ao que ele queria: um acordo com a Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais ou, mais precisamente, com a Maison des Sciences de l'Homme, presidida por Fernand Braudel, ele mesmo um grande amigo do Brasil. E foi o que ocorreu. Aquela casa acabou sendo ocupada, pouco a pouco, pela Escola de Altos Estudos: térreo, primeiro andar (não o andar dos instrumentos musicais, que ficaram na coleção), quinto andar... Vários membros da escola acabamos trabalhando ali. Raymond Aron trabalhou anos a fio embaixo (podíamos vê-lo da rua), assim como eu mesmo e, em seguida, Pierre Bourdieu, o Grupo do Centro de Estudos Indigenistas etc.

Trata-se de uma anedota, mas não de um detalhe insignificante. Afinal, aquela casa se tornou um elemento importante da base imobiliária, por assim dizer, da Escola de Altos Estudos, e sua quase doação por Paulo Carneiro patenteou seu desprendimento e representou uma ajuda considerável à nossa instituição. Ele me deu, de resto, ocasião de visitar toda a Maison, o Museu dos Instrumentos Musicais e ainda a Casa de Clotilde de Vaux, na rua Payenne, onde se passaram cenas

emocionantes, mas num imóvel que mais tarde descobrimos não ser bom (tínhamos nos enganado, aquele era um imóvel para desenvolver o culto, que não era no número 10 ou 12, pouco importa). A personalidade de Paulo Carneiro, encontrada assim através do positivismo, despertava em mim muito interesse. Suas convicções eram extraordinariamente fortes. Ele nos contava, a mim e a cada um de nós, as guerras de travesseiros travadas na infância com seus primos, uns gritando “Viva Maria!” ou “Viva Jesus!”, os outros respondendo “viva o pai Auguste! e viva tia Clotilde!”

Como todos sabemos, o positivismo cumpriu – independentemente, se podemos dizer assim, de ter sido uma doutrina filosófica e sociológica (Comte foi o inventor deste estranho termo ‘sociologia’, metade latino e metade grego) –, um papel considerável na América Latina: no Brasil, na Argentina, no Chile e em vários outros países. E vale lembrar que, na América Latina, a modernidade veio não de baixo, mas de cima. Não houve ali o fenômeno à inglesa da modernização do campo com o deslocamento para as cidades de mão-de-obra e capitais, como na Grã-Bretanha. Em compensação, num país imenso como o Brasil, que carecia de elementos de unidade interna (os meios de circulação eram muito rudimentares), a idéia positivista cumpriu um papel essencial na constituição do que podemos chamar de uma ideologia republicana e laica.

O fim da escravidão e a derrubada da monarquia pelos partidários da nova República marcaram o início da grande influência dos positivistas no Brasil entre civis e entre os militares – não como militares, mas como criadores do Estado. E é a força desse Estado que aproxima o Brasil da França, pois ambos foram um Estado antes de serem uma nação. A integração nacional se deu ao mesmo tempo contra as oligarquias regionais e contra a influência do clero e, como os senhores sabem, a América Latina conheceu lutas pela laicidade que assumiram formas extremas, como no México – no momento das medidas mais anti-religiosas e na guerra de Clisterlos, no Chile e em vários outros países. Em resumo, para ficarmos no caso do Brasil, no qual os elementos centrífugos eram numerosos e fortes, eu diria que os positivistas lhe forneceram um princípio de unidade de que careceram os outros países.

Eu acrescentaria que, a exemplo de Auguste Comte, os positivistas, em geral, e Paulo Carneiro, em particular (como lembrou o senhor embaixador), foram grandes defensores da ciência e do espírito científico. Lembramos que as ações de Paulo Carneiro na Amazônia e noutros

lugares tiveram efeitos duráveis e lhe permitiram exercer seus talentos de químico. Paradoxalmente, porém, o Brasil (como a Argentina) não chegou a pôr em prática neste ponto a inspiração dos positivistas, e eu afirmaria mesmo que não há no mundo país inspirado pelo positivismo que tenha chegado a dar à ciência e à tecnologia a importância concreta que elas ganharam na Inglaterra ou na Alemanha, por exemplo.

Depois de assistirmos ao filme sobre Abul Simbel, em que constatamos como esse templo foi salvo e respeitado, e depois de vermos a luz sobre suas estátuas, cabe lembrar sempre que é, sobretudo, a Paulo Carneiro que devemos sua salvaguarda. E não se trata somente desse monumento, mas de todos os outros que estavam na ilha de Philae, onde meus amigos epigrafistas não cessam de se admirar com a riqueza das inscrições, que ainda não foram completamente reconstituídas.

Estou contente em refletir com os senhores, nesta sala da Unesco, sobre os criadores desta instituição cuja história já é longa. É emocionante pensar hoje em Julien Huxley e, permitam-me, dado o interesse que tenho pela América Latina, no papel trágico de Jaime Torres Bodet. Não creio que possamos separar esses dois nomes dos de Paulo Carneiro e Charles Morazé. Creio que podemos, sem querer excluir ninguém, considerar os quatro os verdadeiros fundadores desta instituição, onde fico feliz de evocar seus nomes.

José Israel Vargas: Muito obrigado, professor, pelas palavras comoventes e tão evocadoras de Paulo e suas obras. Passo imediatamente a palavra ao senhor Bruno Gentil, presidente da Casa de Auguste Comte.

Bruno Gentil: Fico feliz que o professor Alain Touraine tenha se referido à Casa de Auguste Comte e tenha também lembrado sua atualidade. É na condição de presidente da Associação Casa de Auguste Comte, fundada em 1953 por Paulo Carneiro, que fui convidado a evocar seu trabalho de 50 anos na salvaguarda do patrimônio do filósofo. Pretendo então rememorar aqui as atividades de Paulo Carneiro ao longo desse trabalho, para em seguida comentar o espírito com o qual ele as desenvolveu.

Por não ter convivido com Paulo Carneiro, recorri ao testemunho de membros ativos da associação que o conheciam bem, sejam os seus familiares, sejam os amigos de sempre. Entre outros, cito o senhor Michel Duchein, aqui presente, atual vice-presidente da associação, de cuja aventura veio a participar a convite de Paulo Carneiro; senhora Charles Morazé, a quem visitei levando em conta o importante papel desempe-

nhado pelo professor Morazé na evolução da associação; as colaboradoras de Paulo Carneiro, Viviane Morel, Adriane Macedo e Isabelle Pratas Frescata, citadas há pouco pelo senhor embaixador, e que são de fato testemunhas preciosas. Recorri também aos arquivos, examinando os numerosos pronunciamentos em que Paulo Carneiro explicava sua ação. Tudo isso me permitiu dimensionar a imensa dívida que temos para com ele, bem como a honra e o desafio de lhe suceder, depois do seu irmão Trajano, na presidência da associação que ele criou. A propósito, penso que deveríamos associar seu irmão à homenagem que lhe rendemos pela sua ação em prol do patrimônio de Comte. Depois da morte de Paulo, Trajano soube conduzir de modo firme a associação e chegou mesmo a consolidá-la.

Meu relato começa em 1927, quando Paulo Carneiro chega em Paris como bolsista do governo brasileiro para desenvolver pesquisas no Instituto Pasteur, onde vai preparar sua tese de doutorado em química. Seu primeiro gesto é visitar (não sei se numa peregrinação) a Casa de Auguste Comte. O que chamamos de Casa de Auguste Comte e transformamos em museu é, na verdade, um apartamento que Comte ocupou de 1841 até a morte, em 1857. Tudo o que havia então no apartamento (mobiliário, manuscritos de Comte, documentos, arquivos) constitui hoje a Casa de Auguste Comte.

Os executores testamentários estavam encarregados de preservar esse patrimônio e, em 1897, seu presidente, Pierre Laffite, decide comprar o imóvel, que iria ser vendido. Para comprá-lo e garantir sua conservação, ele cria uma sociedade civil imobiliária. Depois de sua morte, um novo guardião é nomeado e, em seguida, depois de um segundo, François Saulnier. É com este último que Paulo Carneiro vai ter ao encontrar o apartamento num triste estado. Os associados escasseavam e a desordem reinava no apartamento. François Saulnier e seu colaborador Fernand Rousseau recebem com muito prazer a proposta do jovem Carneiro, e desde então ele tem a convicção de que deve participar de uma missão essencial: criar um museu que eternize a lembrança de Auguste Comte e, ao mesmo tempo, reativar um centro capaz de congrega os positivistas do mundo todo em torno da documentação e da pesquisa acerca da obra de Comte e de seus discípulos.

Paulo Carneiro organiza o inventário, que nunca fora feito, e passa os fins de semana arrumando os arquivos (pois trabalhava no Instituto Pasteur durante a semana). Em seu esforço de ordenar, faz o repertório

de todas as cartas de Comte e publica uma centena de cartas inéditas na Coleção dos Arquivos Positivistas, que criou junto com a *École Pratique des Hautes Études*. Em 1930, diante da ameaça iminente de destruição do prédio, Paulo Carneiro organiza uma campanha internacional e obtém o seu tombamento como monumento histórico. O projeto municipal de alinhamento é então engavetado e Paulo Carneiro diz que, “a partir deste momento, a cidade de Paris zela pelo futuro deste monumento”. A mudança é crucial. Desde então, Paulo Carneiro se propõe a reconstituir o apartamento tal e qual Comte o deixara. A descoberta do inventário judicial que se seguiu à morte de Comte o ajuda a restituir a autenticidade do apartamento que, segundo suas próprias palavras, “se tornou verdadeiramente a morada do filósofo, na qual tudo voltou ao seu lugar primitivo. Se entrasse hoje em sua casa, Comte teria a impressão de nunca havê-la abandonado”.

Paulo Carneiro faz tudo isso às suas próprias custas, ou quase. Restaure os tapetes e os móveis para deixá-los exatamente como eram no tempo de Comte. Em meio às dificuldades financeiras, percebe que a sociedade civil imobiliária é incapaz de arcar com os custos de conservação desse prédio do século XVIII. Depois da guerra, Paulo Carneiro sucede a François Saulnier na gerência da sociedade. Sua preocupação é uma só: evitar o desastre financeiro. Para tanto, sua família se cotiza e a Associação Brasileira dos Amigos de Auguste Comte (criada por seu pai) financia as reformas do prédio, de modo a evitar a falência da sociedade civil, que resultaria na sua venda.

É preciso, porém, encontrar uma solução duradoura, e esta terá vindo talvez do encontro com o professor Touraine no Brasil. Antes de fechar o acordo, sugerido por Touraine, com a *École Pratique des Hautes Études*, Paulo Carneiro pensa em abandonar a estrutura de sociedade civil imobiliária, que já não convinha. Para isso, funda, em 1953, a Associação Internacional Casa de Auguste Comte e convence, o que não é pouco, os associados a devolverem a propriedade à Associação. Só então é que, com a ajuda do seu amigo Charles Morazé, e graças talvez ao seu vínculo com a Unesco, vai negociar o famoso acordo com a *École Pratique des Hautes Études*, rebatizada mais tarde de *École des Hautes Études en Sciences Sociales*. A *École* ocupa progressivamente o prédio, cuja conservação o contrato lhe atribui. Esse contrato garante ainda hoje (e espero que continue assegurando por muitos anos) a conservação do prédio.

Ao mesmo tempo, sempre com a École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paulo publica os escritos de juventude de Comte e os sete volumes de sua correspondência. Cada volume traz uma longa introdução que situa a correspondência na obra e na vida de Comte. São textos notáveis, nos quais Paulo Carneiro mostra um conhecimento profundo do filósofo e de sua vida. Ele foi auxiliado por grandes universitários franceses: o professor Pierre Arnaud, que seria substituído por Arbousse Bastide, e Angel Kremer Marietti. Graças aos seus dons de diplomacia, Paulo Carneiro obtém então dos herdeiros de Clotilde de Vaux os manuscritos de Comte que ela lhes legara, assim como o romance *Wilhelmine*, que ela deixara inacabado, e sobretudo as últimas cartas que Comte lhe escrevera antes de morrer. Os herdeiros de Clotilde de Vaux cedem à Casa de Auguste Comte todos esses manuscritos.

Em 1981, um ano antes de morrer, Paulo Carneiro consegue finalmente salvar os manuscritos de Comte (que ele havia encontrado, restaurado e encadernado) dos riscos de dispersão, roubo e incêndio, ao depositá-los na Biblioteca Nacional da França (BNF), declarando solenemente que cabe à França e ao seu governo assumir a conservação do inestimável patrimônio. Escolheu a BNF por julgar que só uma instituição estatal de caráter permanente e de natureza estritamente cultural ofereceria as garantias necessárias. A entrega dos manuscritos ocorre a 8 de abril de 1981, na presença do primeiro-ministro Raymond Barre e da ministra das Universidades Alice Saunier-Seité.

Seu último ato foi tratar de sua sucessão como presidente da associação e como guardião do patrimônio. Sentindo-se atingido pela doença que o levará embora, faz eleger, em 19 de fevereiro de 1981, a seu irmão Trajano como seu sucessor na presidência da associação. Nessa assembléia (da qual alguns dos presentes participaram), Paulo Carneiro declara: “Meu irmão é o melhor dos homens. Sempre se mostrou muito dedicado a Comte, e é hoje o responsável pela Associação Brasileira dos Amigos de Augusto Comte, que herdou de nosso pai”. Para Paulo Carneiro, era importante que seu sucessor fosse um brasileiro capaz de aglutinar os esforços dos positivistas do mundo inteiro. Sou, portanto, com muita honra, o primeiro presidente não-brasileiro da associação.

Talvez não seja fácil avaliar hoje o que representou essa ação obstinada de Paulo Carneiro ao longo de 50 anos. Pode parecer irrisória para alguns. Para avaliá-la corretamente, porém, devemos lembrar o clima reinante na década de 30, marcado por dissensões e querelas infundáveis

entre os diversos grupos positivistas em cada país. Disputavam a herança patrimonial e espiritual de Comte, as ações de uns atrapalhando as dos outros, tanto antes quanto depois da guerra. Para piorar, Comte não suscitava naquela altura um grande interesse no meio intelectual e cultivado da França. Num quadro assim adverso, só um homem da envergadura de Paulo Carneiro poderia levar a cabo a tarefa que ele assumiu. Só um homem com a força de sua convicção, com a sua diplomacia, com a sua capacidade de inspirar confiança ao mesmo tempo nos positivistas brasileiros e nos universitários franceses e, com o prestígio decorrente de seu papel na Unesco, poderia levar tal tarefa a bom termo.

Gostaria de terminar com três observações sobre a obra de Paulo Carneiro. Em primeiro lugar, observo que ele sempre acreditou estar conduzindo uma missão sagrada, à qual não podia se furtar, e à qual deveria consagrar uma parte essencial de sua vida. Penso não o estar desvalorizando ao dizer que, no fundo, sua ação na Unesco e sua ação em prol de Comte configuravam um só e mesmo combate. Numa carta de 1931, Paulo Carneiro escrevia a seu pai: “Ninguém senão eu pode hoje cumprir corretamente a missão de conservar a Casa de Auguste Comte em boas condições. Quando em toda parte vacilam ou desmoronam os esforços de tantas gerações positivistas, salvemos pelo menos o primeiro templo da nova fé, ele mesmo gravemente ameaçado. Vemos sobre o fogo sagrado da casa do mestre, e as luzes apagadas se reacenderão, mas custe o que custar não abandonarão Paris”. Essa missão lhe é oficial e solenemente atribuída (e essa legitimidade contava muito para ele) quando François Saulnier lhe confia sua sucessão. Ele dirá mais tarde que “ter sido escolhido como sucessor de François Saulnier na direção desta casa foi a honra da minha vida”. É em nome dessa missão que cria a associação em 1953, persuadido de que uma sociedade civil imobiliária já não é adequada para salvaguardar o patrimônio. Aliás, queria criar uma fundação, mas acabou dissuadido. É também em nome dessa missão sagrada que, aos 80 anos, transmite seu mandato a seu irmão. Podemos senti-lo ainda obcecado pela sobrevivência do depósito sagrado, e ele mesmo fala das suas preocupações, que se tornavam “uma obsessão com o que poderia ocorrer amanhã se eu morresse”.

E isso me conduz a retomar, numa segunda ordem de considerações, a questão do positivismo de Paulo Carneiro. Se ele era, como dizia seu irmão Trajano, um positivista consumado, não era porém um doutrinário. Por outro lado, se foi levado, como notava seu amigo Rodolfo Paula Lopes

no momento de sua morte, a considerar como supérfluos ou prematuros certos aspectos da Religião da Humanidade, nunca renegou o seu conjunto. Pelo contrário, inspirou-se nela durante toda a sua vida, mas com uma largueza de vista que lhe permitia tolerar e compreender todas as convicções e aspirações humanas. Onde sua irritação, aliás, diante das querelas entre os diferentes grupos positivistas. Para ele, o que contava era o retorno às fontes, e o retorno às fontes era o retorno ao pensamento de Auguste Comte, que ele dizia complexo, vivo e evolutivo. Numa entrevista a um jornalista brasileiro por ocasião da entrega dos manuscritos, afirmou: “Não concebo o que teria sido minha vida sem Auguste Comte. Lutei toda a minha vida por seu ideal de liberdade e justiça social. Comte representa o melhor de mim, e se lhe consagrei 50 anos de minha vida, restitui apenas uma ínfima parte de tudo o que dele recebi”.

Como última observação, ressalto que Paulo Carneiro concebia sua missão não como chefe espiritual do positivismo (muita gente reivindicava essa posição), mas muito modestamente como guardião do patrimônio legado por Auguste Comte. Pensava que o museu e o centro de documentação e pesquisa que havia criado deviam se abrir o mais possível a todos os pesquisadores universitários e intelectuais do mundo inteiro. Para ele, a associação é um órgão de conservação do patrimônio intelectual e moral que pertence à humanidade inteira, e merece ser legado à posteridade. Foi por isso que recorreu desde cedo a grandes historiadores, a sociólogos, a pesquisadores e a filósofos. Em seu importante discurso de 3 de setembro de 1951, no momento de criar a associação, dizia que “é preciso buscar um público muito mais amplo do que o de quando Comte morreu. Comte cresceu na consciência dos homens, e deixou de ser simplesmente o chefe de um grupo ou o fundador de uma religião cujos adeptos o cercam. É muito mais universal neste momento. Busquemos o apoio de todos os que são capazes de compreender a importância da obra de Comte, mesmo que não sejam positivistas, e mesmo que não estejam ligados à obra que universaliza o grande pensador”.

Para terminar, invocarei uma frase do professor Morazé, que acompanhou Paulo Carneiro na história da associação, e que não era nada positivista. Numa assembléia geral, tempos depois da morte de Paulo Carneiro, o professor Morazé dirá: “Entrei na associação segundo a vontade de Paulo Carneiro, não para mumificar o pensamento de Auguste Comte, mas para lembrar aos seus herdeiros – isto é, a todos os pesqui-

sadores em ciências humanas que a prolongam, diversificam e enriquecem – que Auguste Comte existe e que existe uma associação a ele dedicada que devemos aos nossos amigos brasileiros, que nos ajudaram a conservar a lembrança deste grande homem e que merecem nossa gratidão”. Obrigado.

José Israel Vargas: Muito obrigado. O professor Morazé não pôde estar conosco esta noite, mas sua esposa veio representá-lo, e eu gostaria de lhe agradecer, antes de passar a palavra ao professor Luís Hildebrando Pereira da Silva.

Luís Hildebrando Pereira da Silva: Costumamos dizer que o mundo é pequeno, mas não sei se é verdade. Costumamos dizer também que os caminhos das pessoas acabam se encontrando. Isso talvez seja ainda menos verdadeiro. Quando penso na vida de Paulo Carneiro, tais afirmações me parecem encerrar uma certa verdade. Venho de Rondônia, na Amazônia brasileira, onde dirijo um instituto de pesquisas depois de ter trabalhado trinta anos no Instituto Pasteur. Rondônia fica na fronteira com a Bolívia, numa região da Amazônia inteiramente isolada, a 5.000Km do Rio. Foi colonizada por um militar positivista do Brasil, o marechal Rondon, um dos ilustres personagens a que se referia Alain Touraine. Rondon cumpriu um papel muito importante na direção do Estado republicano do Brasil em seus inícios, e foi o principal responsável pela criação de Serviços de Proteção aos Índios. Pois bem, o marechal Rondon foi padrinho de batismo de Paulo Carneiro na igreja positivista.

Partilho com Paulo Carneiro a experiência de ter sido pesquisador no Instituto Pasteur. Trabalhei lá mais tempo do que ele, mas talvez com menos brilho. Ele veio para a França em 1936 quase como um exilado. Embora não tenha sido um revolucionário, Paulo estava próximo das idéias e das propostas que guiaram a revolução da Aliança Nacional Libertadora em 1935, o que lhe trouxe problemas em seguida. Essa foi uma das causas de sua vinda para a França. De minha parte, fui exilado em 1964 por razões semelhantes. O mundo é pequeno.

Gostaria de apresentar-lhes algumas reflexões sobre Paulo de Berrêdo Carneiro, cientista no Instituto Pasteur. Em Rondônia, são registrados muitos casos de tétano por ano, sobretudo entre os camponeses. As taxas de mortalidade entre os pacientes atingidos pela doença e hospitalizados é algo da ordem de 70%. No sul do país, porém, a mortalidade por tétano caiu a zero, graças ao acompanhamento dos

doentes nos centros de tratamento intensivo, onde eles são ‘curarizados’ e submetidos à respiração artificial. Este é, aliás, o procedimento adotado nos países avançados, onde o tétano é muito raro, graças à vacinação sistemática das populações. A primeira referência a esse procedimento é, em todo caso, do pasteuriano Paulo Carneiro. Em sua comunicação de 21 de fevereiro de 1939 à Academia de Ciências, Paulo diz que “soluções equivalentes, quimicamente intituladas ‘curare’ e ‘stricnoletalina’, agem exatamente da mesma forma. De resto, a respiração artificial me permitiu salvar animais paralisados (rãs, cobaias e coelhos) por doses mortais tanto de um quanto da outra”.

Paulo foi, portanto, o primeiro a lançar mão da respiração artificial para controlar a paralisia provocada pelo curare. Parece paradoxal que uma paralisia provocada pela toxina tetânica possa ser tratada por uma substância que produz, ela também (assim como o curare), uma paralisia muscular. Hoje em dia, o aparente paradoxo foi esclarecido, graças ao progresso do nosso conhecimento sobre os diferentes tipos de sinapses nervosas e neuromusculares: sabemos que a toxina tetânica age ao nível de um tipo de sinapse nervosa, provocando a contratura muscular, e que o curare age ao nível pós-sináptico dos músculos esqueléticos, provocando uma paralisia sem contratura. O curare bloqueia, portanto, indiretamente o efeito da toxina tetânica e permite eliminá-la.

Os resultados originais dos estudos sobre os efeitos do curare empreendidos no Instituto Pasteur por Paulo Carneiro foram, porém, mal recebidos pelos neurologistas e electrofisiologistas da época. Ao chegar do Brasil em 1936, Paulo concentrara seus esforços na purificação do produto ativo do curare. Ele já era um químico competente e reconhecido, e essa era sua segunda experiência de pesquisador no laboratório de química biológica do Instituto Pasteur. Na primeira, ele havia preparado, sob a direção de Gabriel Bertrand, chefe do laboratório, sua tese de doutorado, defendida em 1931, na qual ele determinara a composição em cafeína e teobromina das diferentes partes da *Paulinea cupana*, planta de onde vinha o guaraná dos índios da Amazônia. Ao retomar, cinco anos depois, as pesquisas no mesmo laboratório, Paulo as direcionou para sua nova paixão, o curare (sempre um produto dos índios da Amazônia).

Após dois anos de trabalho intenso, consegue isolar a stricnoletalina e a curareletalina. As propriedades físicas e as fórmulas elementares de

composição que ele descobre definem tais substâncias como alcalóides, que podem ser encontrados em proporções variáveis nas amostras de curare examinadas e nas cascas da *stricnos letalis*. De acordo com suas composições, elas diferem dos alcalóides já assinalados por King (1935), sob o nome de tubocurarina, e por Wieland (1936), sob o nome de toxiferina. Depois de identificar os produtos ‘curarizantes’, Paulo procede ao seu estudo farmacológico e farmacodinâmico, e é então que entra em conflito com os cientistas da época, e especialmente com um dos maiores, o professor Louis Lapicque, criador da teoria da cronaxia.

Em seus estudos farmacodinâmicos, Paulo reproduz as experiências clássicas de Claude Bernard com a rã: efetuando uma ligadura da circulação arterial da pata posterior da rã, mas deixando intactos os nervos que ligam seus membros à sua medula espinhal. Paulo confirma os resultados de Claude Bernard que indicavam uma conservação da sensibilidade e uma abolição da motricidade. Contrariamente a Claude Bernard, porém, Paulo observa que os ciáticos da rã, inteiramente paralisados, continuam a transmitir a corrente elétrica. Interpreta essa divergência à luz dos produtos usados em cada caso: enquanto Claude Bernard havia usado o curare bruto, Paulo havia usado a stricnoletalina purificada – o que permitiu, segundo ele, uma maior precisão na dosagem e uma utilização de vias mais diretas de aplicação dos produtos ativos.

A reação de Louis Lapicque a esses resultados, comunicados à Academia de Ciências em 30 de janeiro de 1939, foi virulenta. A princípio, tentou impedir a publicação da nota de Paulo Carneiro, apresentada por Paul Portier. Não conseguindo, Lapicque exigiu e obteve a publicação de algumas observações, que foram anexadas à nota de Paulo. Nelas, Lapicque dizia: “Sejam quais forem as constatações experimentais do senhor Carneiro, a noção de excitabilidade indireta de um músculo curarizado é inadmissível. Uma paralisia que se produza respeitando tal excitabilidade não é uma curarização”. Desafiado a verificar os resultados experimentais de Paulo, Lapicque conclui que eles se explicam por um efeito central do produto usado e purificado pelo pesquisador brasileiro.

Mas Paulo Carneiro não se deixou impressionar. Um mês depois, numa nova comunicação de 21 de fevereiro de 1939, começa citando em epígrafe uma declaração do próprio Claude Bernard, segundo a qual “nós sacrificaremos hipóteses e teorias quando elas forem invalidadas pela descoberta de fatos novos, que serão as únicas realidades

indestrutíveis sobre as quais a ciência positiva deve se fundar e se erguer pouco a pouco". Em seguida, Paulo diz que "quando o senhor Lopicque afirma estar certamente diante de uma ação nervosa central, sua afirmação resulta de um raciocínio errado, pois se as rãs submetidas às suas experiências respondiam ainda ao curativo de um membro, não estavam então paralisadas. A condição fundamental da experiência de Claude Bernard não estava portanto satisfeita".

Devemos reconhecer que ambos, Paulo e Lopicque, estavam parcialmente certos e parcialmente errados. As observações iniciais de Claude Bernard e de seu aluno Wulprien mostravam que o efeito tóxico do curare não atinge nem os músculos nem os nervos, mas se observa no nível da junção neuromuscular. Anos mais tarde, o inglês John Newport demonstraria que, nesse nível, encontra-se um acúmulo de uma substância receptora da substância contrátil. Foi preciso esperar muitos anos para identificar a natureza desses receptores e dessas substâncias contráteis. Hoje, isso já está feito, e já somos capazes de estabelecer uma caracterização molecular dos diferentes receptores pós-sinápticos e dos respectivos neuromediadores. Curiosamente, no caso dos mediadores dos receptores de nicotinacetilcolina, próprios das sinapses colinérgicas dos músculos esqueléticos (aqueles sensíveis ao curare), vieram também do Instituto Pasteur as contribuições decisivas para a determinação da natureza agonista da nicotina e antagonista do curare. Primeiro, Daniel Bouvet obteve os primeiros curares sintéticos. Depois, Jean-Pierre Changeux descreveu em detalhe, ao longo dos últimos 30 anos, a estrutura molecular e as propriedades funcionais das sinapses colinérgicas. O mundo é pequeno.

A originalidade dos trabalhos de Paulo Carneiro reside, sobretudo, no fato de ele dirigir suas pesquisas para a bioquímica e a farmacologia das interações das moléculas agonistas e antagonistas com os receptores, num momento em que a eletrofisiologia nascente explicava os fenômenos de condições nervosas por propriedades devidas à cronaxia (quem se lembra hoje da cronaxia?). E foi finalmente graças aos estudos sobre a eletroplaca dos peixes elétricos e das interações irreversíveis da alfatoxina da cobra sobre o receptor que pudemos purificar, analisar e em seguida clonar os gens codantes para os receptores colinérgicos, estabelecer sua estrutura e suas propriedades funcionais de ativação e desativação. Paulo Carneiro se situa, portanto, na linha direta dessas descobertas que abrem hoje grandes perspectivas para a produção de

remédios contra a ansiedade, a dor, a degenerescência nervosa e outras patologias humanas. Obrigado.

José Israel Vargas: Muito obrigado. Passo imediatamente a palavra ao senhor Luiz Felipe de Alencastro, historiador e professor da Sorbonne.

Luiz Felipe de Alencastro: Senhoras e senhores, fui incumbido de falar brevemente do positivismo no Brasil, um tema vasto e já abordado pelos ilustres colegas desta mesa. Serei então breve, para falar um pouco também do próprio Paulo Carneiro, que tive a sorte de conhecer em Paris.

Quando o positivismo se estrutura na França, o Brasil é a única monarquia da América, e aparece como o representante do sistema europeu, monárquico, num continente em que predomina o sistema republicano americano – aliás, naquele momento as repúblicas eram muito mais numerosas no Novo Mundo do que na Europa. A idéia mesma da América Latina (nascida da diplomacia do Segundo Império) se associava à idéia de Augusto Comte, que previa para o Brasil um lugar importante no futuro da humanidade e um peso também importante na política internacional. Segundo Comte, o Brasil estava destinado a contrabalançar a potência dos Estados Unidos da América, e sobretudo a influência anglo-saxã no mundo. É portanto também como representante da cultura latina que o Brasil recebe no esquema de Comte uma posição importante nas relações internacionais.

A influência do positivismo era muito grande nessa época, em que o Brasil ainda não fixara suas raízes americanas (o que só ocorrerá mais tarde, na República). Mas ela não era a única. De fato, o positivismo entrou no Brasil junto com o kardecismo (o espiritismo) e a homeopatia. Por que as três influências vinham juntas? O kardecismo, como já nos ensinou Roger Bastide, aparecia como uma religião laica, que dava importância ao transe, recusado pelo catolicismo vigente no Brasil (e pelo cristianismo em geral), mas tido em alta conta pelas religiões afro-brasileiras. O kardecismo fornecia uma maneira de organizar o além ou, dito de outro modo, permitia concebê-lo de modo estruturado. A homeopatia, por seu turno, reabilitava a fitoterapia, a medicina popular brasileira, em que se misturavam os tratamentos à base de plantas brasileiras transmitidos pelos ameríndios e os elementos provenientes das culturas africanas e portuguesa. O peso da medicina homeopática francesa foi grande, como nos mostram as estatísticas disponíveis de certas cidades brasileiras. Em Campinas, por exemplo, na fronteira do café

em 1855, existiam cinco médicos, três dos quais homeopatas... A homeopatia aparecia também como uma contribuição para a cura de doenças a partir de medicamentos simples ao alcance de todos, bem conhecidos nas práticas medicinais tradicionais do Brasil. Essa tripla influência ajuda a explicar por que as primeiras gerações de positivistas da República eram ao mesmo tempo positivistas, kardecistas e homeopatas. Isso era uma constante naquele momento.

Os militares positivistas cumpriram, como lembrou o professor Touraine, um importante papel na proclamação da República em 1889 (e poderíamos lembrar aqui os papéis análogos desempenhados por Teófilo Braga em Portugal e Tomás Masaryk na Tchecoslováquia). Eles introduziram no Exército uma certa visão do Estado, transmitida pelo marechal Rondon, que incluía o respeito pelos índios e uma nova concepção das fronteiras e do povoamento. No seio do humanismo e da religião do progresso propugnados pelos positivistas, o culto à ciência e às disciplinas científicas vai reverter completamente toda a tradição ibérica fundada no juridicismo e no ensino literário. Esse é o momento (cujo representante maior é Euclides da Cunha) no qual o engenheiro ganha o primado na política brasileira, em detrimento da tradição de advogados. Essa influência se espalha, e poderíamos talvez surpreender um de seus ecos longínquos na atuação de Fernand Braudel em prol da ocupação da Casa de Auguste Comte pela Escola de Altos Estudos. Tendo como amigo mais próximo no Brasil o grande filósofo positivista João Cruz Costa, podemos dizer que Braudel estava duplamente motivado a tomar a iniciativa de ocupar, em Paris, a Casa de Comte.

Para dimensionarmos a força da influência positivista no Brasil, basta entrar na Internet, no *site* (que é francês) dos positivistas, onde encontramos um levantamento, por país, das associações e da bibliografia do e sobre o positivismo no mundo. O elenco dos países inclui Alemanha, Argentina, Bélgica, Brasil, Chile, Dinamarca, França, Inglaterra, Irlanda, Hungria, Japão, México, Países Baixos, Polônia, Portugal, Rússia, Suécia, República Tcheca, Eslováquia, Turquia, Estados Unidos e Venezuela. Os três países que possuem mais referências são a França, a Inglaterra (considerada junto com a Irlanda) e o Brasil. É aí que a influência de Comte permanece ainda hoje mais forte.

Ao empreender a organização e a publicação da correspondência de Comte, Paulo Carneiro mostrou aos que o cercavam na época todas as suas qualidades, salientadas, aliás, pela excelente plaquete editada

pela delegação brasileira junto à Unesco: seu universalismo (a plaquete é muito bem intitulada “Um brasileiro *universal*”, e não ‘cosmopolita’, o que teria conotado o diletantismo de certa elite latino-americana, e nem tampouco ‘internacionalista’, o que também redundaria em contrasenso), seu humanismo, seu largo interesse por todos os debates e problemas, sua visão premonitória. Sobre esta última, peço licença para ler um trecho de uma carta sua de 1947 a Julien Huxley (à página 7 da brochura), em torno de uma estação científica que a Unesco queria fundar em certos países latino-americanos. Nessa carta, Paulo diz a Huxley, de uma maneira premonitória: “Não se esqueça, senhor diretor geral, de que os países sul-americanos são muito exigentes e não gostam nada de se sentir considerados como colônias às quais se envia missões de estudo das quais eles não participam. Penso, de resto, que a China, o Extremo Oriente e o Oriente Próximo terão o mesmo sentimento diante das estações científicas que a Unesco pretende criar em seus respectivos territórios”. Trata-se de uma carta premonitória, em relação às dificuldades e perseguições de que mais tarde o próprio Paulo será vítima no Brasil, quando da organização da estação de estudos sobre a Amazônia. É como se ele pressentisse de onde poderia vir o ataque, e, de fato, 20 anos mais tarde pagou um alto preço por essa iniciativa aos setores mais limitados de um nacionalismo brasileiro que assumiu naquele momento um perfil autoritário.

Durante o regime ditatorial instalado em 1964 no Brasil, Paulo foi um dos que receberam todo mundo aqui em Paris, com muita consideração e atenção. Graças à mediação do seu filho Mário Carneiro (grande fotógrafo de cinema e cineasta ligado ao movimento do Cinema Novo), Paulo pôde retomar pela primeira vez depois de sua chegada em Paris um contato mais contínuo com uma nova geração de jovens. Foi então que pôde mostrar a muitos de nós a importância do positivismo e também a da sua própria obra (esta só fomos perceber mais tarde).

Organizando a correspondência de Comte, deparou-se com as cartas escritas ao mestre por seus discípulos e admiradores. Entre elas, uma permanecia ainda fechada, pois chegara do Brasil meses depois da morte de Comte, em 1857. Fora-lhe endereçada por um músico francês que visitava o Rio de Janeiro na excursão de uma ópera. Paulo abriu a carta com emoção e a leu. O músico positivista se mostrava chocado pela cidade do Rio, que se pretendia francesa e parisiense, mas que, metade africana e majoritariamente negra, seguia sendo na verdade a

maior concentração urbana de escravos do mundo (a escravidão urbana teve no Brasil um enorme desenvolvimento, sobretudo no Rio). A carta estava cheia de observações sobre essa extravagância social. Ao lê-la, Paulo começou por sorrir, mas experimentou em seguida um momento de tristeza, pensando no destino paradoxal de seu país. Apesar da nota um pouco dissonante, eu gostaria de encerrar minha comunicação com essa cena, que é reveladora do sentimento agudo que ele tinha pelo seu país, bem como do seu sofrimento diante da distância entre a aspiração universal e o atraso real do Brasil. Numa palavra, diante do impasse sempre renovado que se apresenta como a imagem mesma do destino do Brasil. Muito obrigado.

José Israel Vargas: Muito obrigado, senhor Alencastro. *Last but not least*, tenho o prazer de passar a palavra ao senhor Jean d'Ormesson, que dispensa apresentações, sobretudo aos brasileiros.

Jean d'Ormesson: Obrigado, senhor embaixador. Serei extremamente breve, pois já é tarde e tudo já foi dito pelos que me precederam. Gostaria de dizer por que estou aqui nesta mesa com os senhores, que são muito mais competentes que eu. Estou aqui para pagar uma dívida. Há cinquenta anos, Paulo Carneiro já era uma figura legendária em Paris, e eu não era ninguém. E ele foi de uma bondade, de uma generosidade, eu quase diria de uma afeição sem par. Por isso, depois de cada encontro com ele, eu me perguntava como poderia pagar aquela dívida de gratidão que só se acumulava. E é por essa razão que estou aqui.

Não me recordo mais de como encontrei Carneiroki, mas tenho a impressão de que desde que eu (que não era nada) cheguei nesta casa, ele (que era tudo) me acolheu sob sua asa protetora. E eu via que eu não era o único, e que ele representava algo de excepcional para dezenas, centenas de pessoas em Paris. Por que excepcional? Por quatro razões, e não consagrarei aqui mais de um ou dois minutos a cada uma delas: ele era brasileiro, ele era positivista, ele era um sedutor e ele era eloquente.

Ele era brasileiro, e isso representava muito para nós, senhor embaixador. Fui educado na lembrança de uma longa linhagem de brasileiros, de Machado de Assis a Jorge Amado (meu amigo recentemente falecido), passando por muitos outros. Para citar apenas os mortos (não gostaria de citar nenhum vivo), lembro que Afrânio Peixoto, Miguel Ozório de Almeida, Alceu Amoroso Lima foram nomes que me embalsamaram durante toda a minha infância, e a alta estatura de Carneiro me apareceu natural-

mente como uma força protetora e tutelar. Depois dele e antes de Vossa Excelência, senhor embaixador, houve um outro grande brasileiro em Paris: Carlos Chagas Filho, e estou certo de que esta casa deve muito também a Chagas. Em todo caso, quem reinava na época era Paulo Carneiro. Naquela época, e sobretudo durante a Guerra Fria, havia muita gente nesta casa. Conheci aqui soviéticos maravilhosos, americanos inesquecíveis, ingleses por quem eu era louco, africanos que sabiam tudo, que me recitavam a *Ilíada*, a *Odisséia* e os poetas franceses, enquanto eu era incapaz de fazê-lo. Era um deslumbramento permanente. Paulo Carneiro era o Brasil em Paris, e era ao mesmo tempo o mais parisiense dos parisienses. Se eu tivesse mais tempo (mas não tenho), lhes explicaria como um brasileiro se transformou num parisiense e como este parisiense se tornou universal.

Ele era positivista. Eu supunha conhecer um pouco de filosofia, e nada sabia do positivismo, do qual não vou falar depois das considerações tão eloqüentes do meu amigo Touraine. Lembro apenas que Paulo Carneiro me arrastava para toda a parte e me explicava o positivismo. E direi apenas duas coisas. Uma é anedótica, mas de uma anedota tão profunda que se poderiam escrever romances inteiros em torno dela. Ele me parecia como um historiador, um filósofo, quase como um homem político ou um escritor. Descobri com espanto que ele chegara em Paris como químico e biólogo. E ele me contava que, bem jovem, fora encarregado de uma missão, a Casa de Auguste Comte. Estupefato, eu via aquele homem se transformar em arquivista, agente imobiliário, jurista, caminhoneiro. Transportava papéis consigo e lançava mão de uma energia espantosa. Eu pensava comigo: “Eis aí uma carreira e uma vida inteiramente guiadas por uma idéia trazida da infância”. Outro aspecto deve ser salientado: eu o vi junto de muitos marxistas, muçulmanos, budistas, cristãos. Ele acreditava profundamente no positivismo, mas era incrivelmente aberto a tudo o que não era positivista. Foi ele quem me ensinou que talvez seja preciso acreditar muito profundamente em algo para aceitar que outros acreditem em outras coisas. Vez por outra, eu me dizia: “Ele não é positivista!”. Engano meu, ele era positivista. Mas era tão forte que compreendia tudo o que não era positivista.

Ele era um sedutor. Não descerei às anedotas, poderia lhes contar tantas... Havia uma verdadeira Internacional de amigos e amigas de Paulo Carneiro, que encontrei na China, em Pequim, no Vaticano, em Nova Iorque e nas regiões mais remotas da África, da América Latina e da Ásia. Ele arrastava atrás de si todos os corações. Muitas mulheres o

amavam, mas muitos homens igualmente, e também eu o amava. E quando eu estava com ele no pequeno apartamento em que tinha a bondade de me acolher, ficava como que fascinado e compreendia logo a sedução que ele podia exercer sobre as pessoas dos dois sexos (e dos três ou quatro sexos, se existissem três ou quatro sexos!) que me falavam dele com tanta emoção.

Creio que foi Giraudoux quem disse que “nenhum mudo nunca seduziu nenhuma mulher”. Paulo Carneiro não era mudo. Era eloqüente, e sua eloqüência era algo extraordinário. Eu acabava me dizendo que ele poderia falar de qualquer coisa. E os senhores sabem, isto era uma lenda naquela época. Esta casa teve lendas. Penso num afegão maravilhoso que era uma lenda; penso em tantos russos que eram extraordinários, em um inglês – esta casa era cheia de pessoas excepcionais, que a construíram. Costumamos dizer que os cemitérios estão cheios de pessoas insubstituíveis. É verdade, mas elas não são de fato substituídas. E Carneiro não pode ser substituído. Eu me lembro que quando se anunciava um pronunciamento de Paulo Carneiro sobre coisas tão tediosas quanto o aluguel das organizações não-governamentais cujo pagamento à Unesco estava em atraso, íamos correndo à Conferência Geral para vê-lo falar de questões puramente materiais de 250 francos que não tinham sido depositados, pois punha tanta emoção, tanta paixão nisso que era maravilhoso. Mas o mais extraordinário é que a eloqüência se elevava às maiores questões do século que passou. Os senhores viram esse filme. Ouvi Paulo Carneiro falar da Líbia, do Egito, da fraternidade entre as nações, dos pobres, dos países do Terceiro Mundo, da paz, da filosofia.

Eu me envolvi num dado momento com uma organização que se chamava Conselho da Filosofia. Este só pôde existir graças à ação de Paulo Carneiro. Ele era um sedutor e ao mesmo tempo um profeta. Essa conjunção é muito rara. Era um erudito e um senhor. Era um homem pertencente à elite mais seleta de seu país, e encarnava maravilhosamente os pobres e os miseráveis deste mundo.

Senhor embaixador, creio que nós, franceses, podemos nos orgulhar de o termos acolhido. Vocês, brasileiros, podem se orgulhar deste homem que desempenhou um papel tão grande por toda parte onde passou, e notadamente na Unesco. Para além do Brasil, para além do positivismo, para além mesmo de sua sedução e de sua eloqüência, ele encarnou maravilhosamente o universal, do qual foi sempre um servidor.

José Israel Vargas: Em nome não só da delegação brasileira, mas de todos os 'unesquianos', agradeço-lhe de coração por estas palavras tão calorosas e comoventes.